

HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

HERPETOFAUNA IN A RURAL COMMUNITY IN THE NORTHEAST OF BRAZIL: REPORTS ON MYTHS IN DIFFERENT GENERATIONS

Vânia Dias Santos¹, Thely Alves Maciel^{1*}

Resumo:

O conhecimento popular sobre os anfíbios e répteis está parcialmente codificado em mitos sobre as características morfofisiológicas e comportamentais desse grupo. Com o objetivo de registrar o conhecimento popular sobre mitos relacionados à herpetofauna e entender a distribuição destes entre pessoas com diferentes faixas etárias, foram aplicadas, na comunidade de Boa Esperança, no sudoeste da Bahia, 40 listas livres, distribuídas em três grupos etários, entre novembro e dezembro de 2019. A frequência de ocorrência foi utilizada para identificar a importância do mito em cada grupo. Foram listados 15 mitos, distribuídos entre: serpentes (10); anuros (3); e lagartos (2). Os idosos citaram 15 mitos, os adultos 13, e as crianças, 8. Os idosos podem ser considerados como conhecedores locais, pois foram citados pelos adultos como a fonte de informações sobre os mitos. As crianças apresentaram interpretações científicas sobre as características da herpetofauna, fato esse que sugere a influência do conhecimento proveniente do ambiente escolar, além do conhecimento popular que circula pela comunidade.

Palavras-chave: Diversidade; Répteis; Serpentes.

Abstract:

The folk knowledge about amphibians and reptiles is partially pervaded with myths

¹ Laboratório de Ecologia do Semiárido; Departamento Ciências Humanas-Campus VI; Universidade Estadual da Bahia; Avenida do Contorno S/N. CEP 46.400-000; Caetité, BA – Brasil. *tmaciel@uneb.br

and beliefs, nurtured mostly by inaccurate interpretations regarding their morphophysiological and behavioral characteristics. To catalogue the folk knowledge concerning herpetofauna myths, 40 free lists were applied to three age groups, where they could write down their beliefs about the subject. The research was taken in the *Boa Esperança* Community, in November and December of 2019. Afterwards, 15 myths were listed, distributed among the snakes (10); the anurans (3) and lizard (2). The elders mentioned 15 myths; whilst adults cited (13); and children (8). Therefore, the elders from the research can be considered as local experts, being quoted by adults as the additional myth's information source. The latter presented scientific interpretations about the characteristics of herpetofauna, which suggests the influence of scientific knowledge, acquired at school.

Keywords: Diversity; Reptiles; Snakes.

1. Introdução

Os saberes das comunidades locais sobre a natureza, acumulados ao longo dos anos, resultantes de experiências cotidianas, são definidos como populares. Na construção do conhecimento popular, as interações sociais são valorizadas, havendo, portanto, uma troca de saberes constante, pois, nesse cenário, o indivíduo aprende e ensina simultaneamente. Com isso, os saberes são passados oralmente, de pessoa a pessoa e de geração em geração (COSTA-NETO, 2000).

O conhecimento popular tem como base a observação, favorecendo, assim, o surgimento de mitos, tratados aqui como narrativas provenientes da observação e do processo de compreensão do mundo natural, em consonância com Aranha e Martins (2016) que apresenta o mito como processo de compreensão da realidade, fundamentado em emoções e afetividade. Segundo os autores citados, os mitos podem expressar o que desejamos ou tememos, o que faz com que nos afastemos de certas coisas ou nos aproximemos delas, assim, a interação entre humanos e animais, a aversão ou simpatia por um determinado grupo, pode ser expressa por meio dos mitos.

No que se refere à herpetofauna, os répteis, mais especificamente as serpentes, estão circundadas pelo mundo místico, fazendo parte do imaginário popular como representantes da sabedoria, do poder e do pecado. Já entre os anfíbios, os anuros (grupo que compreende os sapos, rãs e pererecas) são os que se destacam em relação aos mitos, considerados como o símbolo da fertilidade, da eternidade e da maldade (FITA e COSTA-NETO, 2007; ALVES et al., 2009).

O avanço do conhecimento e da divulgação de informações sobre a taxonomia e a ecologia dos representantes da herpetofauna proporcionou a explicação para a possível origem de alguns mitos, como observado em estudos etnoherpetológicos (MOURA et al., 2010; FERNANDES-FERREIRA et al., 2011; PAZINATO, 2013). Tais estudos contribuíram para evidenciar o conhecimento popular sobre a história de vida e ecologia do grupo.

53 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

Embora estudos sobre o conhecimento popular relativo à herpetofauna tenham sido desenvolvidos no nordeste brasileiro, abordagens semelhantes são escassas na região sudoeste da Bahia, especialmente no Território Alto Sertão Produtivo, que representa um ecótono entre dois biomas brasileiros, a Caatinga e o Cerrado. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo catalogar o conhecimento popular sobre mitos relacionados à herpetofauna na comunidade de Boa Esperança, em Caetité, no estado da Bahia, Brasil, e, assim, identificar como esse conhecimento está difundido em diferentes grupos etários.

2. Materiais e Métodos

2.1 Caracterização da comunidade de estudo

Este estudo foi realizado na Comunidade Boa Esperança ($14^{\circ}00'06.5''$ S $42^{\circ}27'01.7''$ W), uma área rural do município de Caetité, Bahia, Brasil; localizada a 10 km da sede do centro urbano, abrangendo cinco localidades: Fazenda Forquilha, Passagem da Onça, Vargem do Anguá, Paulo e Roçadão (Figura 1).

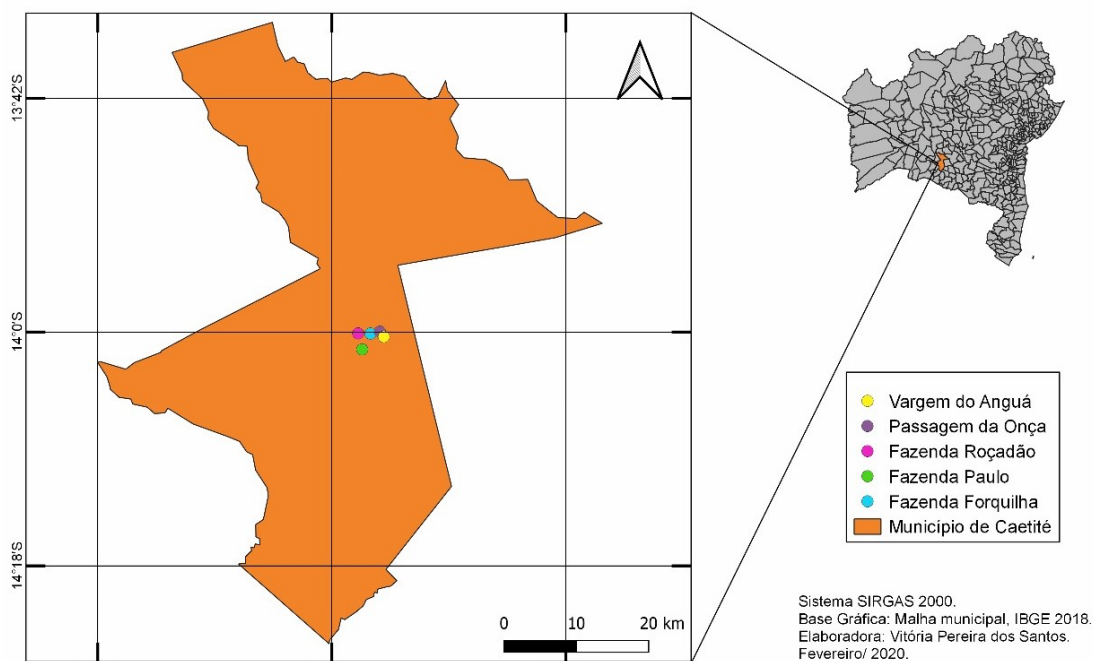


Figura 1: Localidades onde foram realizadas coletas na comunidade Boa Esperança, Caetité –Bahia, Brasil.

Segundo Sebastião Francisco, residente no local em estudo, esta comunidade foi criada no ano de 1972, por seis integrantes e por um padre pernambucano, o frei Afonso, sendo inicialmente formada por 24 famílias que tinham como atividade de subsistência a produção de farinha e de rapadura, extração de lenha, agricultura e pecuária.

54 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

A origem da comunidade reflete o aspecto religioso fortemente disseminado no município, representado pela imponente catedral de Senhora Sant'Ana, localizada no centro da cidade. O município destaca-se no cenário cultural do Território do Alto Sertão com diversos pontos culturais como a Casa Anísio Teixeira, importante centro cultural construído em homenagem ao educador, filósofo e escritor, ilustre filho de Caetité. Outro marco cultural importante é o Museu do Alto Sertão da Bahia, criado para abrigar um acervo arqueológico, datado de 6 mil anos, encontrado na região.

Quanto aos serviços de educação, na comunidade, existiam duas escolas de ensino fundamental (alfabetização ao 5^o ano) com turmas multisseriadas. Em 2004, as escolas foram desativadas e, com isso, as crianças começaram a frequentar as escolas da sede do município.

Atualmente, 50 famílias residem na comunidade de Boa Esperança e desenvolvem as seguintes atividades econômicas: agricultura de subsistência, pecuária e criação de suínos e ovinos para o consumo próprio e para comercialização. A comunidade possui uma vegetação típica da caatinga e do cerrado, representa uma área de transição entre os dois biomas.

2.2 Coleta de dados

Os dados foram coletados entre novembro e dezembro de 2019, por meio de visitas às famílias de cada localidade, as quais ocorreram na seguinte ordem: Fazenda Forquilha, Passagem da Onça, Vargem do Anguá, Paulo e Roçadão. A pesquisa foi realizada com 15 adultos (30-59), 15 idosos (≥ 60 anos) e 10 crianças (até 12 anos); faixas etárias consideradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), de 2018, totalizando, assim, 40 participantes, indicados no texto com a letra inicial da categoria, seguida da idade (ex.: adulto com 37 anos = A. 37 anos).

Os idosos e adultos foram selecionados por meio da técnica "bola de neve" (ALBUQUERQUE et al., 2010) e as crianças participaram de forma aleatória, tendo como requisitos de participação o fato de os pais ou responsáveis não terem participado da pesquisa, para que não houvesse influência sobre os mitos listados, e já estarem inseridas no ambiente escolar.

Os dados foram coletados por meio de Lista Livre, técnica de coleta de dados que permite obter informações sobre determinado aspecto cultural da comunidade estudada (ALBUQUERQUE et al., 2010); nesse caso, os colaboradores da pesquisa foram solicitados a listar mitos sobre serpentes, lagartos e anfíbios. A Lista Livre foi adaptada ao nível de escolaridade dos participantes. Dessa forma, foi agregada à Lista Livre a gravação do diálogo (autorizada pelo participante), posteriormente transcrito para o caderno de campo.

Para enriquecer as listas elaboradas, foi utilizada a técnica "nova leitura", sugerida por Albuquerque et al. (2010), ou seja, à medida que os participantes listavam os mitos, os pesquisadores anotavam o nome das etnoespécies mencionadas, para que, no final da coleta de dados, fosse realizada a leitura das espécies citadas e, posteriormente, feito o seguinte questionamento: O/a senhor/a lembra de alguma outra espécie/mito?

55 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

A aplicação da Lista Livre foi precedida por uma explanação sobre a pesquisa e apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para os participantes adultos e idosos. As crianças participaram da pesquisa mediante a autorização dos pais ou responsáveis, por meio do TCLE específico e o Termo Assentimento do Menor. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sob o parecer: 3.829.989.

2.3 Análise de dados

A importância relativa dos mitos foi calculada por meio da Frequência de Ocorrência, adaptada de Dajoz (2005), segundo a fórmula: $FO = (p/P) \times 100$; onde: FO= frequência de ocorrência; p: número de participantes que citaram o mito e P: número de participantes por grupo etário. Considerando a FO, os mitos foram classificados em Constantes ($\geq 50\%$), Comuns (10% - 49%) e Raros ($< 10\%$).

3. Resultados e discussão

Os participantes citaram 15 mitos, distribuídos entre os três grupos herpetológicos: serpentes (10); anuros (3); e lagartos (2). Os idosos listaram 15 mitos, número semelhante ao dos adultos que citaram (13), enquanto as crianças citaram (8). Os moradores listaram os mitos em forma de histórias e vivências, aspectos observados em todos os grupos etários, havendo maior proeminência entres os participantes idosos, que apresentaram 60% dos mitos relatados, como vivenciados, fato que denota um conhecimento adquirido e acumulado ao longo dos anos.

Segundo a etnobiologia, os conhecedores locais são aqueles que apresentam o maior número de citações em suas falas e são mais indicados pelos demais participantes da pesquisa como detentores de saber. Neste estudo, os idosos se enquadram nessa categoria, pois 73% dos adultos os citaram como fonte de informações.

Um comportamento peculiar registrado nesta pesquisa foi que 93% dos idosos não fizeram referência a outras pessoas em suas falas e se auto reconhecem como os detentores dos saberes, por isso, se apoderaram do conhecimento e relataram os mitos, tendo como fonte as suas vivências e experiências adquiridas ao longo dos anos. Enquanto isso, os demais idosos referenciavam outros familiares com a mesma faixa de idade como a fonte de informações sobre os mitos.

As crianças relataram medidas de prevenção de acidente ofídicos de forma correta, tais como: 1) utilizar vestimenta de proteção dos membros inferiores (sapatos fechados, calças longas e perneiras); 2) ter cuidado ao pisar no chão e 3) evitar entrar em locais da mata muito fechada, todas de acordo com algumas recomendações do Ministério da Saúde (BRASIL, 2019).

56 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

Foram citados 10 mitos sobre as características comportamentais e ecológicas das serpentes (1-10, Tabela 1). O maior número de mitos sobre o grupo foi observado entre os idosos, com 10 mitos registrados – destes, 8 foram classificados como Constantes ($\geq 50\%$); sendo que os adultos também listaram 10 mitos (7 Constantes), e as crianças apontaram 6 (2 Constantes).

Os mitos 1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8 estão associados com aspectos comportamentais, provavelmente, oriundos da observação dos mecanismos predatórios, reprodutivos e defensivos dos ofídios. Os mitos 6, 9 e 10 estão vinculados com suas características morfofisiológicas, a exemplo da quantidade de anéis caudais da cascavel ou mesmo da espessura e coloração das espécies (Tabela 1). O número de mitos citados para Serpentes foi superior em relação aos demais grupos da herpetofauna. Sobre esse aspecto, Fita et al. (2010) destacam a importância das Serpentes para o imaginário popular e explicam que o medo exagerado, supersticioso e irracional associado a este grupo decorre da interpretação de aspectos de seu comportamentais com base em aspectos culturais.

Os moradores da comunidade Boa Esperança consideram serpentes como animais vingativos que retribuem a qualquer custo uma agressão sofrida. Este mito, classificado como constante em todos as classes etárias (Tabela 1), permite-nos inferir que os saberes populares perpassam as gerações e alcançam as crianças. Nesse contexto, Santana (2011) explica que, para os moradores rurais, as serpentes são consideradas perigosas, por isso ensinam as crianças por meio do mito a se protegerem, portanto, o mito pode desempenhar uma função pedagógica.

Tabela 1: Frequência de Ocorrência (FO) dos mitos sobre serpentes, anuros e lagartos por grupo etário.

Mito	Idosos (%)	Adultos (%)	Crianças (%)
1. Cobra que vinga/memoriza autor	93	100	100
2. Cobra que mama em humanos ou em vacas	80	70	50
3. Cobra que persegue humanos/voa sobre árvores	100	80	10
4. Cobra que encanta	100	40	10
5. Cobra que apresenta cuidado parental	27	7	-
6. Picada que deixa a vítima com aparência semelhante a serpente	100	80	-
7. Cobra que decide o destino da vítima	30	27	-
8. Cada anel presente no guizo da cascavel corresponde a um ano de vida	90	100	-
9. Pisar esqueleto de cobra é pior que a picada	73	67	20
10. Cobra solta a pele porque choveu	100	100	20
11. Os sapos cantam adivinhando chuva/ ou de alegria	100	87	70
12. Sapos provocam cegueiras e problemas cutâneos	90	90	90
13. Mordida de sapo chifre provoca morte	27	-	-
14. Lagartixa causa problema de pele	60	-	-
15. Camaleão grudar na pele só solta quando trovejar	80	70	-

57 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

Diante disso, a escola que, muitas vezes, é o único meio de acesso ao conhecimento científico sobre anfíbios e répteis, tem a função de desmitificar percepções imprecisas sobre a história de vida dos representantes da herpetofauna. Sendo assim, os conhecimentos prévios das crianças, oriundos do senso comum, devem ser confrontados com a realidade científica, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento da consciência ecológica sobre a participação desses organismos em diversas cadeias alimentares e processos ecossistêmicos.

A influência do conhecimento científico trabalhado nas escolas explica por que somente as crianças listaram as medidas de prevenção de acidentes contra ofídicos corretamente, pois, apesar de possuírem o nível de escolaridade compatível com a dos idosos e adultos (ensino fundamental), percebe-se que o conhecimento científico avançou ao longo dos anos, e isso é refletido nas informações que são trabalhadas nas escolas. É importante destacar que os estudos relacionados ao ofidismo foram iniciados no século XX (FURTADO, 2008; MISE et al., 2007), dessa forma, as informações transmitidas atualmente nas escolas são mais coerentes com a história natural e a ecologia do grupo.

3.1 Mitos sobre as Serpentes

Segundo os participantes da pesquisa, a vingança, capacidade atribuída ao grupo, pode variar entre as espécies. A jararaca (*Bothropoides erythromelas*, Amaral, 1983) é capaz de aguardar sua vítima por anos em um mesmo local para retaliar o ataque, como é descrito na seguinte fala: "*Jararaca é uma cobra terrível, se mexer com ela, fica esperando; um dia mexi com uma na roça, mais nunca eu fui lá*" (A. 50 anos).

A cobra coral (*Micrurus ibiboca* Merrem, 1820, ou *Oxrhopus trigeminus* Dumeril, 1854), de acordo com os relatos, além de vingar à noite, tem a capacidade de memorizar o autor do ataque. Para um dos participantes, o animal é tão perigoso e traiçoeiro que o melhor é nem mencionar seu nome, para tanto se referia à coral utilizando os termos: "o vermelho ou cobra vermelha", como podemos observar na sua fala: "*Aquela cobra vermelha, não gosto nem de falar o nome, se mexer com ela, ela volta para casa da gente e morde...tem caso que basta conversar perto dela, que ela volta*" (I. 83 anos). Outro participante da pesquisa relatou que esta espécie memorizou o autor do ataque: "*Um dia, o homem bateu em uma coral e não matou, quando foi de noite, todo mundo dormia juntos no chão, pois a coral, saltou todo mundo um por um e mordeu aquele que tinha batido nela, a bicha é danada*" (I. 69 anos).

No que diz respeito à cobra-verde (*Philodryas olfersii* Lichtenstein, 1823), os relatos indicam que a espécie tem uma maneira especial de retribuir a agressão. Assim como a coral, se desloca para a casa da vítima, mas, inicialmente, se esconde, observa e espera uma oportunidade para revidar; a espera pode demorar um longo período de tempo, chegando até o ponto de o animal secar: "*Cobra-verde danada para pôr espia, se você mexer com ela e tiver um buraquinho dentro de casa, ela soca lá dentro e bota espia para morder*" (I. 70 anos); "*...ela te espera até ficar fina igual um fiapo de cabelo*" (I. 83 anos).

A crença da cobra que se vinga pode estar relacionada com a abundância de determinadas espécies em uma área e, com isso, a pessoa que teve contato com um ofídio, ao encontrar, novamente, outro organismo semelhante, pode acreditar que se trata do mesmo animal visto outrora e acaba associando essa suposta aparição e

perseguição a poderes vingativos.

O relato da cobra que “seca” de tanto esperar pode estar relacionado com o processo de ecdise. Em outras palavras, os moradores, ao encontrarem a muda da cobra, acabam inferindo que o animal desnutriu, aguardando a sua vítima. Outra possível explicação está relacionada aos encontros das pessoas com a *Oxybelis aeneus* Wagler, 1824, que apresenta uma espessura delgada quando comparada a outras serpentes arborícolas de coloração críptica (MESQUITA et al., 2010) e, desse modo, os populares acabam associando sua morfologia a poderes vingativos.

Para os participantes desse estudo, a cobra caninana (*Spillotes pulatus* Linnaeus, 1758) tem a capacidade de perseguir, de forma sigilosa, um ser humano. Para isso, segue sua vítima por quilômetros, à espera de uma oportunidade para emboscá-la, conforme evidenciado no relato: “*Caninana é uma cobra valente, se mexer com ela ou pressentir que tem gente, ela vai atrás mesmo. Se você for pela estrada e ela vai escondida pelo mato, passando um tempo ela atalha na estrada, ou então, fica em cima de uma árvore esperando a pessoa passar e ataca*” (I. 82 anos). Em um outro relato, o participante afirma que o animal pode ser tão violento que é capaz de voar entre as árvores durante a perseguição e, então, ele ensina como se livrar: “*Caninana é muito brava, corre atrás de gente por cima dos paus, para enganar ela tem que correr em zig zag*” (A. 58 anos). Este, inclusive, foi um mito listado em todos os grupos, sendo constante nos idosos (FO=100%) e adultos (FO= 80%), e comum nas crianças (FO= 10%).

Em um estudo desenvolvido por Fernandes-Ferreira et al. (2011), no Ceará foi encontrado um mito semelhante a este e salientou-se a origem da crendice: a cobra que voa sobre as árvores está relacionada com agilidade do animal em se deslocar entre galhos. Quanto à capacidade de perseguição, atribuída à *Spillotes pulatus*, os autores supracitados explicam que, apesar de a espécie ser bastante sensível à presença humana, projetando sucessivos botes quando alguém se aproxima, não há registro na literatura de serpentes que perseguem humanos por longas distâncias.

Além da capacidade de perseguição das serpentes, os participantes atribuíram à jiboia (*Boa constrictor*, Linnaeus, 1758) o poder de encantar/atrair o ser humano e outros animais, a fim de obter alimento. De acordo com o mito, esta espécie hipnotiza um ser humano mostrando-lhe uma linda cidade, enquanto a vítima contempla, caminhando em direção à boca do animal, que estará pronto para engoli-la. A pessoa consegue livrar-se do encantamento apenas se alguém estiver presenciando o acontecimento e chamá-la pelo nome. Este mito foi citado por todos os grupos, sendo constante nos idosos (FO= 80%); comum nos adultos (FO= 40%) e comum nas crianças (FO=10%).

Os moradores relataram ainda que o encantamento da *Boa constrictor* faz com que os animais se movimentem em círculos e, a cada rodada, passam cada vez mais próximo da boca da serpente, que conseguirá capturá-los e engoli-los, como descrito no seguinte relato: “*Um dia vi um calango só andando em círculo, quando olhei direito, tinha uma jiboia bem no meio, e esse calango andando a redor dela, toda vez que ele rodava, ficava mais perto dela; eu não tive coragem de esperar o que ia acontecer, vim embora, mas eu acredito que ela engoliu o pobre do calango*” (A. 44 anos). Em outra fala, o participante associou o hábito alimentar dessa espécie com esperteza: “*A jiboia é uma cobra danada, pois a bicha conseguiu pegar o gatinho da minha vizinha, não sei como ela conseguiu, pois gato é um bicho tão ligeiro – só pode ser esperteza da jiboia*” (I. 80 anos).

59 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

A origem deste mito, provavelmente, está relacionada à ausência de pálpebras oculares, resultando no olhar fixo da serpente, que pode ser interpretado como hipnose/encantamento (MOURA et al., 2010). Por outro lado, Santana (2011) afirma que a população não assimila a ideia de que serpentes tão grandes, como a *Boa constrictor*, consigam capturar presas tão ágeis e, por isso, associam esse comportamento alimentar ao encantamento.

A capacidade de atrair presas por meio da vocalização foi atribuída à caninana e à sucuri. Realmente os ofídios podem se alimentar de anfíbios anuros que emitem sons de agonia ou de estresse durante o processo de predação (FERNANDES-FERREIRA et al., 2011). Assim, as pessoas podem atribuir a autoria da vocalização à serpente, por acreditarem no poder de atração delas.

Os participantes apontam que as serpentes apresentam cuidado com a prole. Por isso, quando alguém se aproxima de uma cobra com filhotes, estes são engolidos: *"Tem umas cobras que protegem os filhotinhos, quando pressente gente por perto, elas engolem um por um. Teve uma vez que matei uma, vi os filhotes saindo do bucho"* (I. 75 anos). Concepção comum entre idosos (FO= 27%) e rara entre os adultos (FO= 7%). Entretanto, Pough et al. (2008) e Fraga et al. (2013) afirmam que esses organismos raramente apresentam cuidados parentais, com exceção da *Lachesis muta* Linneus, 1766, que enrola nos ovos, protegendo-os até a eclosão. Uma possível origem desse mito seria canibalismo filial, comum nos ofídios, isso porque, após o parto, a fêmea se alimenta dos filhotes que estão mortos ou com pouca mobilidade, como uma estratégia de repor rapidamente sua energia e massa muscular, perdida durante a gestação (SOUZA, 2007; LIMA et al., 2005).

O mito da cobra que mama em humanos e em vacas foi constante em todos os grupos etários (idosos: FO=80%; adultos FO=70%; crianças FO=50%). De acordo com essa crença, a serpente coloca a cauda na boca da criança para não chorar e mama na mãe adormecida. Já em bovinos, a serpente engole o bezerro e depois ingere o leite, enganando a vaca que acredita ser o filhote.

Neste estudo, a atração dos ofídios por leite foi atribuída à cobra caninana (*Spillotes pulatus*), à jiboia (*Boa constrictor*) e à cobra-preta (*Pseudoboa nigra*, Duméril, Bibron e Duméril, 1854). O fato sempre ocorre à noite, quando todos estão dormindo. O feito é descoberto quando alguém desconfia que a criança não chora e vai até ao quarto, presenciando a cena: *"Minha mãe contava que a avó dela tinha uma menina, e essa menina não chorava e nem acordava de noite, o povo da casa desconfiava disso, quando foi um dia todo mundo foi dormir, o marido dela acordou e viu a cobra mamando, colocava o cabo na boca da criança e mamava na mãe; o marido gritou todo mundo que trouxe um pedaço de pau, matando a danada."* (I. 82 anos).

No trabalho desenvolvido por Pazinato (2013), 59% dos seus entrevistados compartilham essa mesma crença, e atribuíram esse comportamento apenas à *Pseudoboa nigra*. A pesquisadora sugere que esse mito pode ter surgido entre trabalhadores rurais que, ao ordenharem animais leiteiros, encontram serpentes e acabam vinculando sua presença ao desejo de consumir leite. Com relação ao mito, vale destacar que o leite não faz parte da dieta desses animais, pois, além de a sua musculatura bucal não ser adaptada para a sucção devido à ausência do músculo esfíncter, as cobras não possuem enzimas necessárias para a digestão do leite (BERNARDE, 2017).

Para os moradores da comunidade Boa Esperança, a picada da cobra-cipó (*Oxybelis*

60 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

aeneus Wagler, 1824, ou, *Chironius flavolineatus* Jan, 1863) tem como consequência uma aparência acinzentada ou raquítica, fazendo referência à coloração e à espessura do corpo do animal, sendo a cura proveniente da ingestão do fígado da cobra autora do acidente. Este mito não foi mencionado pelas crianças, mas foi constante entre idosos (FO= 100%) e adultos (FO= 80%). O mito da cobra-cipó foi encontrado no trabalho de Fernandes-Ferreira et al. (2011), desenvolvido no Ceará. Nesse contexto, os autores afirmaram que, apesar de alguns membros da família *Colubridae* oferecerem riscos aos humanos, nenhum veneno é capaz de provocar tal aparência.

Os relatos indicam que a coral (*Micrurus ibiboca* ou *Oxrhoupus trigeminus*) apresenta duas maneiras de picar: pela presa inoculadora e pelo "ferrão" (região caudal). Na visão dos participantes desta pesquisa, quando o animal injeta o veneno pelas presas, ainda se consegue prestar socorro, mas, quando ocorre a injeção pela cauda, a vítima morre na hora (Idoso: FO= 30% e adultos: FO= 27%), como foi descrito na seguinte fala: "*Se a coral picar pelo dente menos mal, mas se picar pelo ferrão não dá tempo nem de chegar no médico, a pessoa morre na hora*" (I. 76 anos).

Diante dos relatos é válido lembrar que a cobra-coral (*Micrurus ibiboca* ou *Oxrhoupus trigeminus*) não apresenta estrutura capaz de inocular veneno na cauda, pois o envenenamento ocorre por meio das presas inoculadoras. Bernarde et al. (2017) afirmam que a origem da crença está associada ao mecanismo de defesa dessas espécies, que expõem a cauda enrodilhada enquanto escondem e protegem a cabeça, realizando movimentos rápidos com a cauda que, aparentemente, pode ser interpretado como um bote. Além disso, esses ofídios apresentam uma cauda curta e grossa com a extremidade aguda (afilada), semelhante a um ferrão. Por apresentar tal estrutura, aliada à sua performance, os populares acreditam que a cauda seja uma estrutura inoculadora de veneno.

Um dos elementos que alimenta o imaginário popular é o guizo da cascavel com a crença de que cada anel presente nesta estrutura corresponde a um ano de vida, sendo constante entre idosos (FO= 90%) e adultos (FO= 100%). Ao relatarem esta concepção, os participantes mencionaram que já viram cascavéis com 100 anos de idade, porém atestaram que, com o avançar da idade, o animal acaba perdendo o guizo, possibilitando a formação de um novo.

A percepção de que cada anel presente no guizo da cascavel corresponde a um ano de vida é inconsistente, pois tais anéis são oriundos do processo de ecdise, a qual, dependendo das condições ambientais, pode ocorrer de 2 a 3 vezes por ano ou até mais. O contato dessa estrutura com algo rígido pode resultar na quebra ou mesmo na perda dos anéis (SANDRIN et al., 2005), fenômeno este que não apresenta nenhuma relação com a longevidade de serpentes.

Para os participantes deste estudo, os restos mortais das serpentes são "perigosos": acredita-se que, se alguém pisar em um "espinho" de cobra, sofrerá consequências ainda piores de que uma picada: "*Espinho de cobra é pior que a ferroadada. Conheço um homem que pisou em espinho de cobra, arrasta da perna até hoje*" (I. 82 anos). "*Pisar em espinho de cobra é pior que a mordida, o pé pode até apodrecer*" (I. 67 anos), sendo estes relatos constantes entre idosos (FO= 73%) e entre adultos (FO= 67%); e comuns entre as crianças (FO=20%).

Como explicado anteriormente, o veneno das serpentes peçonhentas está retido nas glândulas de veneno e é inoculado por presas. Sendo assim, os relatos de

61 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

envenenamento por meio do contato com as estruturas ósseas não condizem com as características morfofisiológicas das serpentes. Nesse contexto, Fernandes-Ferreira et al. (2011) sugerem que a origem desse mito está relacionada ao surgimento de infecções no local da picada, provenientes da presença de microrganismos que atuam na decomposição da matéria orgânica do esqueleto.

Os moradores da comunidade Boa Esperança afirmam que a chegada das chuvas é o momento propício para renovação da natureza, por isso as serpentes deixam de lado as peles antigas, para adquirirem uma nova; esse mito foi citado por todas as classes de idade, sendo constante entre idosos e adultos (ambos com FO= 100%) e comum entre as crianças (FO= 20%). Realmente, o processo de ecdise nas serpentes possibilita a renovação da pele, substituindo as escamas danificadas. Contudo, apesar de o período chuvoso modificar as condições ambientais (aumentando a disponibilidade de alimento), o fator determinante para que ocorra o processo de ecdise é a taxa de crescimento de cada espécie (SANDRIN et al., 2005).

O uso de amuleto para evitar os encontros ou encantamento por parte das Serpentes foi citado entre os participantes da pesquisa, segundo os quais, carregar dente de alho ou fumo no bolso é antídoto contra o encantamento que algumas serpentes são capazes de produzir, e contra o poder das serpentes de se tornarem invisíveis aos olhos humanos. Um participante afirma, por exemplo, que conseguiu encontrar uma serpente desaparecida com um pedaço de fumo: *“Um dia estava eu e um companheiro no mato, nós viu uma cobra que de repente sumiu, nós caçou, caçou e nada, foi aí que tivemos a ideia de colocar um pedaço de fumo na boca, pois a bicha apareceu na hora”* (I. 62 anos).

O uso de amuletos (objetos de origem animal, vegetal ou mineral) foi registrado também por Fita et al. (2010) em uma comunidade no nordeste brasileiro. Ao contrário do registrado no presente estudo, em que se constatou a narrativa de que o amuleto evidencia a serpente, os amuletos citados por moradores de outra comunidade no município de Pedra Branca (BA) funcionam como repelentes, evitando o encontro com o animal.

3.2 Mitos sobre os Anuros

Os moradores da comunidade de Boa Esperança listaram três mitos sobre o comportamento de vocalização e de defesa dos anuros: 1) sapos vocalizam para chover ou mesmo por estarem alegres devido à chuva; 2) sapos provocam problemas de pele em humanos; 3) mordida de sapo-chifre provoca morte. Destes, o primeiro e o segundo mito obtiveram a FO>50% em todos os grupos, portanto, considerados constantes, permitindo inferir que, apesar de as crianças estarem em contato com o conhecimento científico nas escolas, os valores e percepções sobre os anuros, oriundos do conhecimento empírico, perpassam as gerações.

De acordo com os relatos, os anuros são capazes de prever a chuva com 60 ou 90 dias de antecedência – mito constante em todos os grupos etários (FO >70%). O padrão explosivo de reprodução dos anuros pode ter originado esta crença. Segundo Prado et al. (2005), a reprodução dessa espécie, associada ao período chuvoso, época em que poças temporárias são formadas, aumenta as disputas entre os machos por fêmeas, a fim de reproduzirem. Com isso, os machos investem suas energias intensificando a busca ativa por fêmeas e, assim, aumentam-se os sítios de vocalizações – esses comportamentos podem ser interpretados como um sentimento de alegria. A respeito

62 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

desse evento, Wells (1997) explica que o comportamento acústico desses animais tem como principal função atrair fêmeas para o acasalamento, fato este que corrobora a afirmação de duas crianças deste estudo.

Um dos temores dos participantes é de que a urina e o "leite" desses animais podem ocasionar "cobreiros" e cegueiras, sendo a cura somente possível via intervenção de benzedores: *"A urina de sapo, se garrar na pele, dá cobreiro e nos olhos deixa cegueira. O cobreiro de sapo é seco, só sara com rezador."* (A. 34 anos). Esses relatos foram constantes em todos os grupos estudados, apresentando a mesma FO entre idosos e adultos (ambos 90%) e um pouco menor entre as crianças (FO= 60%).

Este mito também foi registrado nos estudos de Dias et al. (2018) e de Sallas et al. (2017), que esclareceram que tal comportamento consiste em um mecanismo de defesa dos anuros, contra a predação e ocorre quando o animal sente-se ameaçado. Porém, a composição química do fluido não contém substâncias capazes de gerar problemas cutâneos ou cegueira em humanos (DIAS et al., 2018).

Ao contrário da urina que é excretada diante de uma possível ameaça, uma substância leitosa, tóxica, produzida e armazenada nas glândulas paratípidas é expelida quando a glândula é comprimida (SCHWARTZ et al., 2007); portanto, não é projetada de forma espontânea, como é subentendido nos relatos. Contudo, é válido destacar que algumas espécies, não encontradas em fitofisionomias de Caatinga, produzem toxinas potentes que, se entrarem em contato com a epiderme, são capazes de provocar irritações nas mucosas, a exemplo dos membros da família Dendrobatidae, descrita por Lima et al. (2006), em seu trabalho desenvolvido na Amazônia.

Anuros não são capazes de inocular veneno, como fazem as serpentes. O mito de que a mordida do sapo-chifre provoca óbito da vítima pode estar relacionado com algumas espécies que apresentam dentes recurvados nas maxilas e serrilhas nas mandíbulas, que são utilizadas, em caso de ameaça, por meio de uma mordida dolorosa, como é o caso do sapo-chifre sul-americano (POUGH et al., 2008).

3.3 Mitos dos lagartos

No grupo dos lagartos, foram registrados os seguintes mitos: 1) lagartixa transmite problemas de pele; 2) camaleão, se se grudar na pele humana, só se solta quando trovejar. Nenhum dos mitos anteriores foram mencionados pelas crianças.

Foram constantes entre os idosos (FO= 60%) relatos de que as lagartixas são animais "nojentos", capazes de transmitir problemas cutâneos aos seres humanos, sendo a cura proveniente de intervenções de benzedores e rezadores locais: *"Lagartixa é um trem agorento e danada para transmitir cobreiro para gente. O cobreiro de lagartixa não sara com remédio de farmácia, só cura com rezador de cobreiro"* (I. 71 anos).

Mito semelhante foi registrado no trabalho de Lana Pinto et al. (2015). De acordo com seus entrevistados, a transmissão das doenças de pele ocorre quando o organismo passa sobre as roupas no varal, porém não há registro na literatura de que estes animais possam provocar doenças aos humanos. Por outro lado, essa concepção pode resultar em mortes desnecessárias, pois, segundo Ricklefs (2003), a razão em preservar a biodiversidade depende da percepção que se tem em relação à natureza. Dito isso, se um animal é tido como feio e nojento, as pessoas não sentem a necessidade de conservá-lo.

63 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

Nessa perspectiva, foi constante, entre idosos (FO= 80%) e adultos FO=70%), a crença de que o "camaleão" é um animal perigoso, que gruda na pele de humanos, só soltando quando trovejar, conforme descrito no seguinte relato: "*Os mais velhos falam que camaleão é perigoso, diz que se grudar nas pessoas só solta quando trovejar*" (A. 39 anos). Um participante idoso, além de relatar, também vivenciou o mito: "*Camaleão se grudar na gente só solta quando trovejar. Um dia estava na roça quebrando milho, quando um grudou na minha blusa, quando eu pressenti que era o camaleão, só rasguei depressa, para que esse trem na grudasse em mim*" (I. 72 anos).

Nos estudos destinados à desmistificação de mitos referentes à herpetofauna, não foram encontrados registros sobre lagartos que atacam/agarram-se a humanos. Além disso, é válido destacar que os membros da família *Chamaeleonidae* (camaleão) não existem no Brasil. Desse modo, os participantes denominaram outras espécies de lagartos. Essa confusão taxonômica também foi registrada no estudo de Passos et al. (2015), em que os autores inferiram que a etnoespécie citada como camaleão era a *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758), encontrada em área de caatinga.

4. Conclusão

O imaginário popular sobre a herpetofauna é preenchido por mitos originados da observação e compreensão dos aspectos ecológicos, morfológicos e comportamentais do grupo. A predominância dos mitos sobre serpentes reflete a importância do grupo na cultura popular, especialmente entre os idosos que foram reconhecidos como conhecedores locais por serem frequentemente citados pelos adultos como a fonte dos seus conhecimentos.

As informações apresentadas pelas crianças sobre a herpetofauna refletem a transmissão dos conhecimentos populares através das gerações. Contudo, foi notória a influência do Ensino de Ciências sobre os mitos relatados, principalmente se compararmos as percepções entre os idosos e crianças, que, apesar de possuírem o mesmo nível de escolaridade, são reflexos de contextos escolares diferentes.

As crianças são sujeitos pelos quais o conhecimento científico sobre a herpetofauna circula, devido à vivência escolar, e por meio dos quais esse conhecimento pode ser introduzido na comunidade, a exemplo das medidas de prevenção de acidentes ofídicos que foram mencionadas somente por esse grupo etário.

A presença do conhecimento popular e científico verificado na comunidade de Boa Esperança configura um cenário propício para novas pesquisas sobre aspectos ecológicos e comportamentais dos representantes da herpetofauna. Nesse contexto, emerge a importância da educação ambiental, nos diversos espaços, a fim de valorizar o potencial científico/didático do conhecimento popular sobre serpentes, lagartos e anfíbios, e despertar a consciência ecológica sobre a participação dos representantes desse grupo em processos ecológicos importantes para manutenção da saúde ambiental.

Referências –

ALVES, R.R.N.; NETO, N. A. L.; SANTANA G. G.; VIEIRA, W. L. S.; W. ALMEIDA O. V. Reptiles used for medicinal and magic religious purposes in Brazil. **Applied Herpetology**, Boston, v.6, n. 3, p. 257-274, 2009.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N. L. Métodos e Técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: ALBUQUERQUE U. P.; LUCENA, R. F. P. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos**. NUPEEA: Recife, 2010.

ARANHA, M. L. A.; MARTINS M. H. P. **Filosofando**: Introdução à filosofia. 6 ed. Moderna: São Paulo, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Acidentes por animais peçonhentos**. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/component/content/article/42009-acidentes-por-animais-peconhentos-serpente>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

BERNARDE, P. S.; TURCI, L. C. B.; MACHADO, R. A. **Serpente do Alto do Juruá- Acre Amazônia Brasileira**. Edufac: Acre, 2017.

COSTA-NETO, E. M. Conhecimento e usos tradicionais de Recursos Faunísticos por uma comunidade Afro-brasileira. **Interciência**, Santiago, v.25, n.9, p. 423-431, 2000.

DIAS, M. A. S.; LIMA, N. B.; FIGUREDO-DE-ANDRADE, C. A. Análise do conhecimento Etno-herpetológico dos Estudante no município de Salina, Minas Gerais-Brasil. **Acta Biomedica Brasilensia**, Cruz Alta. v.9, n.1, p. 36-45, 2018.

FERNANDES-FERREIRA, H.; CRUZ R. L.; BORGES-NOJOSA, D. M.; ALVES, R. R. N. Crenças associadas a serpentes no estado do Ceará, Nordeste do Brasil. **Sitientibus Série Ciências Biológicas**, Feira de Santana, v. 11, n. 2, p. 153-163, 2011.

FRAGA, R.; LIMA A.P.; PRUDENTE A. L. C.; MAGNUSSON, W. E. **Guia de cobras da região de Manaus - Amazônia Central**. Editora INPA: Manaus, 2013.

FITA, S. D.; COSTA- NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootologia. **Biotemas**, Florianópolis, v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.

FITA, S. D.; COSTA-NETO, E. M.; SCHIAVETTI, A. 'Offensive' snakes: cultural beliefs and practices related to snakebites in a Brazilian rural settlement. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, Califórnia, v.6, n. 13, p. 2-13, 2010.

FURTADO, M. F. D.; CALLEFFO M. E. V. A atuação do Instituto Butantan na Amazônia no século XX. **Cadernos de história da Ciência**. São Paulo, v.4, n.2, p. 51-88, 2008.

DAJOZ, R. **Princípios de Ecologia**. 7 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAMMER, O.; HARPER D.A.T.; RYAN, P.D. Past: palaeontologica software packeger for educationnd date apintonalysis. v. 2.10. **Palaeontologia Electronica**, v.4, n.1, p. 1-9, 2001.

IBGE- **Instituto Brasileiro de Geografia Estatística**. Censo demográfico Caetité. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/caetite/panaroma>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020.

LIMA, A. P. et al. **Guia de sapos da reserva Adolpho Duck: Amazônia Central**. Attema Design Editorial: Manaus, 2005.

65 **HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES**

MESQUITA, P. C. M. D.; Borges-Nojosa D. M.; BEZERRA, C. H. Dimorfismo sexual na "cobra-cipó" *Oxybelis aeneus* (Serpentes, Colubridae) no estado do Ceará, Brasil. **Biotemas**, Florianópolis, v. 23, n. 4, p. 65-69, 2010.

MISE, Y. F.; LIRA- DA- SILVA, R. M.; CARVALHO, F. M. Envenenamento por serpentes do gênero *Bothrops* no Estado da Bahia: aspectos epidemiológicos e clínicos. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, v. 40, n. 5, p. 569-573, 2007.

MOURA, M. R. et al. O relacionamento entre pessoas e serpentes no leste de Minas Gerais, sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**, Campinas, v.10, n. 4, p. 132-141, 2010.

PASSOS, D. C.; MACHADO, L. F.; LOPES, A. F.; BESERRA, B. L. R. Calangos e lagartixas: concepções sobre lagartos entre estudantes do Ensino Médio em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 1, p. 133-148, 2015.

PAZINATO, D. M. M. **Estudo etnoherpetológico: Conhecimentos populares sobre anfíbios e répteis no município de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul**. Monografia de especialização. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria – RS, 2013.

LANA PINTO, L.C.; CRUZ, A. J. R.; PIRES, M. R. S. Incorporando o conhecimento ecológico local na Conservação dos lagartos da Serra do Ouro Branco, Minas Gerais, Brasil. **Biosci. J**, Uberlândia, v. 31, n. 2, p. 613-622, 2015.

POUGH, F. H.; JANIS, C. M.; HEISER, J. B. **A vida dos vertebrados**. 4ª ed. Atheneu: São Paulo, 2008.

PRADO, C. P. A.; UETANANARO, M.; HADADD, C. F. B. Breeding activity patterns, reproductive modes, and habitat use by anurans (Amphibia) in a seasonal environment in Pantanal, Brasil. **Amphibia-Reptilia**, Boston, v. 26, p. 317-326, 2005.

RICKLEFS, R. E. **A Economia da Natureza**. 5 ed. Editora Guanabara Koogan: Rio de Janeiro, 2003.

SALLAS, R. F.; COSTA, M. J.; FERNANDES, H. L. Influência do sistema afetivo-emocional no aprendizado: Valores culturais e mitificação dos anfíbios anuros. **Revista de Ensino de Biologia**, Florianópolis, v.10, n. 1, p. 87-105, 2007.

SANDRIN, M. F. N.; PUORTO, G.; NARDI, R. Serpentes acidentes ofídicos: um estudo sobre erros conceituais em livros didáticos. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 281–298, 2005.

SANTANA, R. H. **Serpentes e educação ambiental: mediatizando saberes no quilombo de mata Cavallo**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. 2011.

SCHWARTZ, C. A.; CASTRO, M. S.; PIRES JR, O. R. ; MACIEL, N. M. ; SCHWARTZ, E. N. F. ; SEBEN, A. . **Princípios bioativos da pele de anfíbios - panorama atual e perspectivas**. In: Nascimento, L.B.; Oliveira, M. E. (Org.). *Herpetologia no Brasil II*. 1ed. Belo Horizonte - MG, 2007, v. 1, p. 146-168. Disponível em: < <http://sbherpetologia.org.br/index>>. Acesso em: 10 de janeiro 2020.

SOUZA, R. C. G. Reproduction of the Atlantic Bushmaster (*Lachesis muta rhombeta*) for the first time in captivity. **Bul. Chicago Herp. Soc.**, Illinois, v 42, n. 3, p. 41-42, 2007.

WELLS, K. D. The social behavior of anuran amphibians. **Anim. Behav.**, Ohio, v. 25, n. 4, p. 666-693, 1977.

66 HERPETOFAUNA EM UMA COMUNIDADE RURAL DO NORDESTE DO BRASIL: RELATOS SOBRE MITOS NAS DIFERENTES GERAÇÕES

Recebido em: 30/11/2021

Aprovado em: 17/02/2022

Publicado em: 07/04/2022